

A Arte do Contentamento Divino

por THOMAS WATSON (reduzido e adaptado)

Uma Exposição de Filipenses 4:11

“Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação”

PREFÁCIO

Como o "homem nasce para as dificuldades, assim como as faíscas das brasas voam para cima" (Jó 5.7), então todos precisamos aprender a mesma lição de Paulo: "Eu aprendi", ele disse, "a viver contente em toda e qualquer situação".

O Puritano, Thomas Watson, faz uma exposição completa deste versículo da Bíblia, que ele ensinou durante o seu ministério como reitor de St Stephen, Wallbrook, Londres.

De Thomas Watson disse C. H. Spurgeon, que "relativamente pouco é conhecido dele - até mesmo as datas do seu nascimento e morte são desconhecidas, mas os próprios escritos dele são o seu melhor memorial, e assim como não havia necessidade de algo melhor do que isso, aprovou à Providência proibir a superfluidade."

Watson era mestre de um estilo conciso, vigoroso e de uma rara beleza de expressão. Ele não somente podia falar para ganhar o entendimento dos homens como também conseguir obter um lugar para a verdade nas suas recordações.

CAPÍTULO I

As palavras a seguir são ditas para prevenir qualquer tipo de objeção.

O apóstolo tinha feito muitas exortações, nos versos anteriores ao do nosso texto, dentre as quais destacamos a do verso 6: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças."

Assim, não se pode excluir:

1. O cuidado para prover a própria casa dele, porque a falta disto significaria "negar a fé, e ser pior que o infiel" (1 Tim 5.8).

2. O cuidado religioso; porque nós temos que ter toda "diligência para confirmar nossa chamada e eleição." (2 Pe 1.10).

3. O cuidado sobre os assuntos e eventos deste mundo: "Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?" (Mt. 6. 25).

E neste sentido, quanto a este tipo de cuidado exposto nas palavras do Senhor, deveria ser o cuidado de um crente não ter nenhum cuidado.

A palavra cuidadoso no grego primitivo, significa "cortar o coração em pedaços". Devemos portanto ter o cuidado de não estar sobrecarregados com o tipo de cuidados que dividem a nossa alma. Tenhamos cuidado com isto. Somos exortados a entregar os nossos cuidados ao Senhor: "Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará." (Sl 37.5).

A palavra hebraica para entregar é lançar. Deste modo, o nosso trabalho consiste em jogar o nosso cuidado fora (I Pe 5.7), porque o trabalho de cuidar não é nosso mas de Deus.

"lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós."(I Pe 5.7).

É por causa da nossa falta de domínio próprio que tiramos o trabalho de Deus das Suas mãos. E fazer isto é desonrar a Deus, isto é, tentar tomar a providência que cabe a Ele e não a nós, como se Ele estivesse sentado no céu e não prestasse atenção às coisas aqui embaixo.

O cuidado imoderado priva o coração de coisas melhores; e normalmente, enquanto estamos pensando como faremos para viver, esquecemos como morrer.

O cuidado é um cancro espiritual que produz desperdício; nós podemos por causa do nosso cuidado acrescentar uma tonelada à nossa aflição do que um quilo ao nosso conforto. Deus tem ameaçado isto como uma maldição:

"17 Ainda veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

18 Filho do homem, come o teu pão com tremor, e bebe a tua água com estremecimento e com ansiedade.

19 E dirás ao povo da terra: Assim diz o Senhor Deus acerca dos habitantes de Jerusalém, na terra de Israel: O seu pão comerão com ansiedade, e a sua água beberão com espanto pois a sua terra será despojada de sua abundância, por causa da violência de todos os que nela habitam." (Ez 12.17-19).

Assim, aprendamos do exemplo de Paulo: I – O estudante, Paulo: “Eu aprendi.”; e II – A lição: “a viver contente em toda e qualquer situação.

CAPÍTULO II

Comecemos então com o estudante: “Eu aprendi.”.

Nisto devemos destacar que o apóstolo não disse que ouviu que deveria estar contente em toda e qualquer situação, mas que aprendeu a viver contente. Então, podemos tirar daqui a primeira doutrina que não é bastante os cristãos ouvirem o seu dever, porque têm que aprender o seu dever. Uma coisa é ouvir e outra coisa aprender; assim como comer é uma coisa e preparar a comida, outra.

Há quatro tipos de graus na parábola do Semeador (Lc. 8.5-8), mas somente um solo bom: a parábola destaca esta verdade, de que há muitos tipos de ouvintes, mas poucos estudantes que aplicam o que ouvem às suas vidas.

Destacamos que aprendizagem significa mudança permanente de comportamento.

Há duas coisas que nos impedem de aprender:

1. Desprezar o que nós ouvimos. Cristo é a pérola de elevado preço; e quando desprezamos esta pérola, nunca aprenderemos ou seu valor, ou sua virtude.

O evangelho é um tesouro raro; escondido em um lugar.

Em At 20.24 é chamado "o evangelho da graça"; em II Cor 4.4 de "o evangelho da glória" porque nele, a glória de Deus resplandece como num copo transparente. Mas aquele que tem aprendido a desprezar este mistério, jamais aprenderá a obedecê-lo; aquele que olha para as coisas do céu como coisas insignificantes, e que procura fazer delas um tipo de comércio, esta pessoa está na estrada da perdição, e dificilmente aprenderá as coisas relativas à sua paz. Quem aprenderá aquilo que ele pensa ser de muito pouco valor?

2. Esquecer o que nós ouvimos. Se um estudante tem as suas lições diante de si, e as deixa de lado, ou então, quando as lê, logo as esquece, tão rápido quanto as lê, ele nunca aprenderá.

“Entretanto, aquele que atenta bem para a lei perfeita, a da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas executor da obra, este será bem-aventurado no que fizer.” (Tg 1.25).

A memória, como dizia Bernard, é o estômago da alma, porque tem uma faculdade retentiva para que a palavra divina, que é a comida de Deus para a alma, possa ser transformada em espírito e vida.

Nós temos uma grande facilidade para recordar aquilo que é vão, mas as coisas espirituais demandam aplicação e esforço, porque não são deste mundo e não pertencem portanto à nossa natureza terrena.

Ciro podia se lembrar do nome de cada soldado do seu enorme exército, mas nós, como disse Hierom, logo nos esquecemos das verdades sagradas de Deus.

Somos hábeis em esquecer nossas faltas, nossos amigos e nossas instruções. Muitos crentes são como peneiras que não podem reter a água senão apenas quando estão imersos nela. Eles podem reter a verdade apenas quando estão ouvindo um sermão, mas tão logo saiam da igreja, tudo terá sido esquecido e não aplicado.

Jesus disse aos apóstolos em Lc 9.44: "Ponde vós estas palavras em vossos ouvidos;". No original isto está dito de modo que um homem devesse esconder uma jóia dentro de si mesmo para que não fosse furtada.

A Palavra deve ser aprofundada como a semente que é semeada, e não somente cair como um orvalho que molha apenas as folhas, mas como uma chuva que satura a raiz da árvore e que a faz frutificar. Com que frequência Satanás, a ave do ar, rouba a boa semente que é semeada!

Deixe-me expor isto de um modo prático: alguns de vocês ouviram muito; você viveu quarenta, cinqüenta, sessenta anos debaixo da santa trombeta do evangelho, e o que você aprendeu? Você pode ter ouvido mil sermões, e ainda não aprendeu um sequer.

Consultem suas consciências.

1. Você ouviu muito contra o pecado: você é um ouvinte ou é um estudante? Quantos sermões você ouviu contra cobiça e que ela é a raiz, na qual o orgulho, a idolatria, e a traição crescem? Alguns a chamam de pecado capitalista, metropolitano, próprio do mundo moderno; mas é um mal complexo, porque conduz a muitos outros pecados. Quase não há pecados em que a cobiça não seja o seu ingrediente principal. E ainda assim você gosta das duas filhas da sanguessuga citadas em Pv 30.15: "A sanguessuga tem duas filhas, a saber: Dá, Dá. Há três coisas que nunca se fartam; sim, quatro que nunca dizem: Basta;". E como pode ser que aqueles que aprenderam o que é pecado e suas conseqüências não aprenderam a abandonar o pecado? Como pode alguém que sabe o que é uma víbora, brincar com ela em seu seio?

2. Assim como os judeus que carregam Jesus em suas Bíblias mas não nos seus corações, há muitos crentes que não têm aprendido a Cristo (Ef 4.20). Um homem pode saber muito de Cristo, e ainda não ter aprendido a Cristo. Um homem pode pregar a Cristo, e ainda não ter aprendido a Cristo, como Judas e os falsos apóstolos (Fp 1.15). Um homem pode professar a Cristo, e ainda não ter aprendido a Cristo: há muitos mestres no mundo contra os quais Cristo se levantará. (Mt 7.22, 23)

O que é então aprender a Cristo?

1. Aprender a Cristo é ser como Cristo, tendo o caráter divino da Sua santidade gravada em nossos corações.

"Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor."(II Cor 3.18).

É como uma metamorfose que é feita; quando um pecador, enquanto vendo a imagem de Cristo no espelho da glória do evangelho, é transformado naquela imagem.

Um verdadeiro santo é um quadro de paisagem divino onde são retratadas vivamente todas as belezas raras de Cristo.

2. Aprender a Cristo, é crer nele; "Senhor meu, e Deus meu" (Jo. 20.28); quando não somente cremos em Deus mas que Ele aplica Cristo e o seu sangue a nós como um remédio sagrado em nossas almas. Você ouviu muito de Cristo mas não pode dizer com íntima humildade: "meu Jesus!": Não fique ofendido por lhe falar deste modo, mas é preciso dizer que o diabo possui o seu credo tanto como você. Lembre-se que conhecer um credo verdadeiro não é de modo nenhum suficiente para um verdadeiro aprendizado de Cristo.

3. Aprender a Cristo, é amar a Cristo. Quando nós tivermos a nossa conversação centrada na Bíblia, nossas vidas como ricos diamantes brilhantes na igreja de Deus, e estivermos, em algum sentido conformes com a vida de Cristo, como a cópia que corresponde ao original.

CAPÍTULO III

Esta palavra, "aprendi", é uma palavra que significa dificuldade; mostra que a satisfação, o contentamento do apóstolo Paulo não foi

criado por aquilo que é natural, ou seja, não se encontrava em sua própria natureza. Paulo não chegou a isto naturalmente, mas o havia aprendido do alto.

Isto lhe custou muitas orações e lágrimas.

Isto lhe foi ensinado pelo Espírito Santo.

Daqui retiramos então do nosso texto a sua segunda doutrina: coisas celestiais, espirituais e divinas são difíceis de se obter.

O assunto da religião não é tão fácil como a maioria imagina. "Eu aprendi", disse Paulo. Realmente você não precisa aprender de um homem como pecar; porque isto é natural

"Alienam-se os ímpios desde a madre; andam errados desde que nasceram, proferindo mentiras." (Sl 58.3).

E então, estamos inclinados naturalmente para o mal, e é uma coisa fácil ser mau, tal como a água para fluir de uma fonte. O inferno pode ser atingido sem dificuldades, mas os assuntos da religião devem ser aprendidos e aplicados. O comércio do pecado não precisa ser aprendido, mas a arte da satisfação divina, não pode ser alcançada sem ser aprendida numa santa aplicação: "Eu aprendi."

Há duas razões sérias, porque deve haver tanto estudo e exercício:

1. Porque as coisas espirituais estão contra a natureza. Tudo em religião é o oposto da natureza. Há na religião duas coisas, e ambas estão contra a natureza:

(1) Os assuntos da fé: porque, para os homens serem justificados pela justiça de um Outro (Cristo), e se fazerem loucos para se tornarem sábios (I Cor 3.18); e perderem a vida para poderem achá-la, é inteiramente contra a natureza.

(2) Os assuntos práticos: como a auto-negação, porque é contra a natureza um homem negar a sua própria sabedoria, e se ver cego; negando a sua própria vontade, e derreter-se na vontade de Deus; arrancando fora o olho mau, enquanto crucifica aquele pecado favorito que está ligado ao coração; e ainda estar morto para o mundo, e carregar a cruz, e seguir a Cristo, não somente na bonança, mas em caminhos sangrentos.

E então, deve ser aprendido o auto-exame; que é também contra a natureza, um homem vigiar o seu coração, como um vigia, e montar uma Inquisição espiritual, ou tribunal de consciência, e prescrutar a sua própria alma com a lâmpada de Davi (Sl 119.105) à procura do pecado, como um juiz, para proferir uma sentença sobre ele (II Sm 24.17). Isto

não é somente contra a natureza, como não será atingido facilmente sem ser aprendido.

As coisas espirituais estão acima da natureza. E tal como para a elevação de uma pedra é necessário força, também o movimento para se elevar a alma ao domínio das coisas relativas ao reino dos céus exige força sobrenatural, e por isso, Jesus disse que o reino dos céus é tomado por esforço, pois este movimento deve ser aprendido, e carne e sangue não estão qualificados para estas coisas.

O que é carne só pode gerar o que é carne. A natureza não pode produzir senão o que é natural. Lembremos que Satanás não pode expulsar Satanás, isto é, não podemos produzir o que é bom usando aquilo que é mau. A natureza decaída no pecado não pode produzir a vida sobrenatural do céu.

Somente o Espírito Santo pode acender nossa lâmpada enquanto neste mundo. Paulo chama a isto de as coisas profundas, insondáveis e inescrutáveis de Deus (Rom 11.33), porque as coisas espirituais estão acima da natureza. Há algumas coisas na natureza que são difíceis de serem descobertas, quanto mais as coisas que não pertencem à ordem natural deste mundo como o mistério da fé para crer contra a esperança, tal como Abraão, e o profundo mistério da Trindade. Por isso o apóstolo Pedro disse que os próprios anjos estão procurando nestas profundidades sagradas (I Pe 1.12).

Roguemos então ao Espírito de Deus para nos ensinar; nós devemos ser "divinamente ensinados". O eunuco poderia ler, mas ele não pôde entender, até que Filipe se unisse à sua carruagem (At 8.29). O Espírito de Deus tem que se unir à nossa carruagem; ele tem que ensinar, ou não podemos aprender.

"Todos os teus filhos serão ensinados do Senhor". (Is 54.13).

Nós podemos ler nossas Bíblias mas não podemos aprender o propósito, a menos que o Espírito de Deus brilhe em nossos corações para a iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo (II Cor 4.6).

Ó roguem a este bendito Espírito! É de Deus a prerrogativa real de nos ensinar: "Assim diz o SENHOR, o teu Redentor, o Santo de Israel: Eu sou o SENHOR teu Deus, que te ensina o que é útil, e te guia pelo caminho em que deves andar." (Is 48.17).

Os ministros podem nos dizer nossa lição, mas somente Deus pode nos ensinar; porque por causa da queda no pecado original, perdemos nossa audição e visão espiritual, então somente Deus pode nos ensinar, porque somente ele pode remover estes impedimentos.

"Então os olhos dos cegos serão abertos, e os ouvidos dos surdos se abrirão." (Is 35.5).

Nós estamos naturalmente mortos (Ef 2.1) e quem se disporia a ensinar um homem morto? Somente Deus pode fazer com que homens mortos possam entender mistérios! Deus é o grande professor. Esta é a razão de a palavra pregada trabalhar tão diferentemente nos homens; de modo que num se vê grande progresso no crescimento na graça e no conhecimento de Jesus, e noutro nada se vê. Qual é a razão disto? Porque o vento forte divino do Espírito sopra em um, e não no outro; um tem a unção de Deus que lhe ensina todas as coisas! (1 Jo 2.27), e no outro ela está apagada, porque ele não a possui, ou então, sendo crente, a apagou, por entristecer o Espírito de Deus, que fala docemente, mas irresistivelmente.

No Apocalipse, ninguém podia cantar o novo cântico, mas somente aqueles que haviam sido selados em suas testas. (Apo 14.2). Os reprovados não puderam cantá-lo. Aqueles que são hábeis nos mistérios da salvação, têm que ter o selo do Espírito neles.

Deixe-nos fazer então esta nossa oração: Senhor, sopra em nós pelo teu Espírito, a tua Palavra, e temos a promessa que isto dará asas à nossa oração. "Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais dará o Pai celestial o Espírito Santo àqueles que lho pedirem?" (Lc 11.13).

CAPÍTULO IV

Eu vou expor agora a coisa principal que é a própria lição que foi aprendida por Paulo e que deve ser aprendida por todos os crentes por causa do dever que lhes foi imposto pelo próprio Deus: "viver contente em toda e qualquer situação."

E a principal proposição na qual eu insistirei é esta: que um espírito grato é um espírito contente. A doutrina da satisfação ou contentamento, é muito importante, e se nós não a aprendermos, não aprenderemos a ser cristãos.

1. Ela é uma lição dura. Os anjos no céu não tinham aprendido isto; eles não estavam contentes. Embora a propriedade deles fosse muito gloriosa, contudo ainda estavam planando no alto, e apontando a algo mais elevado; "os anjos que não mantiveram o seu estado original". Eles não mantiveram o seu estado original porque não estavam contentes com o que possuíam.

Nossos primeiros pais, vestidos com as vestes brancas da inocência no paraíso, não tinham aprendido a estar contentes; eles tinham aspirações em seus corações, que os levava a pensar que a sua

natureza humana era muito baixa, e queriam ser coroados com a deidade, isto é, ser como deuses. Embora tivessem acesso a todas as árvores do jardim, contudo concentraram todo o seu desejo e atenção na árvore que foi chamada de árvore do conhecimento, que eles supuseram, teria a propriedade de torná-los oniscientes.

Ora, então, se esta lição era tão difícil de ser aprendida em inocência, quão mais duro não será para nós, que estamos sujeitos ao pecado!

2. É uma lição de extensão universal, e interessa a todos. Interessa primeiro aos homens ricos. Alguém pensaria ser desnecessário exortar à satisfação àqueles a quem Deus tem abençoado com muito bens, porque se pensa que a sua riqueza lhes persuade o bastante para serem humildes e gratos; mas não, e eu lhes digo que homens ricos têm os seus descontentamentos tanto quanto os outros!

Quando têm uma grande posse, contudo, estão descontentes, por não terem outras.

Um homem dado ao vinho, por mais que beba, mais tem o desejo de beber; porque a cobiça é uma terra seca que nunca pode estar completamente molhada; um coração terreno é como a sepultura que nunca está satisfeita.

Então eu exorto também aos homens ricos a que estejam contentes. Os ricos nunca estão mais contentes do que quando o vento de honra e de aplauso enche as velas dos barcos de suas vidas; e se este vento está fraco eles ficam descontentes.

Em segundo lugar, esta lição também interessa aos homens pobres. Quão duro é aprender a estar contente quando o sustento tem-se ido, porque os meios de subsistência são chamados na Bíblia como sendo nossa vida. A mulher que tinha uma hemorragia havia gasto todos os seus haveres com os médicos (Lc 8.43), e no original grego, temos que ela gastou toda a sua vida nos médicos, porque ela gastou os meios pelos quais ela deveria viver.

É muito duro quando a pobreza tem cortado as nossas asas e então sermos achados ainda assim, contentes, mas, apesar de duro, isto é excelente, e o apóstolo aprendeu a estar contente também nesta situação. Deus havia submetido Paulo a uma grande variedade de condições como podemos ver nele, mais do que em qualquer outro homem, e ainda assim ele estava contente.

Nós vemos em II Cor 4.8; 6.4,5; 11.23-25 etc em que vicissitudes o apóstolo foi lançado. Havia tristeza pela condição dele, mas não aflição, não desespero. E mesmo quando não tinha nada, vivia como

quem possuísse todas as coisas, não pelo uso de um mecanismo psicológico de sublimação, mas pela plenitude de Cristo que o animava em todas as situações. E esta satisfação espiritual motivada pela presença de Cristo produzia não somente uma doçura de mente como também era como uma música em sua alma, que lhe dava a sensação de possuir tudo o que lhe era necessário, ainda que nada tivesse daquilo que os homens costumam considerar elevado no mundo.

Paulo poderia estar em qualquer situação que Deus o teria: "Sei passar falta, e sei também ter abundância; em toda maneira e em todas as coisas estou experimentado, tanto em ter fartura, como em passar fome; tanto em ter abundância, como em padecer necessidade." (Fp 4.12). Aqui está um padrão raro para imitarmos.

Paulo, quanto à sua fé e coragem, era como um cedro, que não podia ser removido, mas quanto à sua condição externa, era como uma cana quebrada, que se inclinava de todos os modos com o vento da Providência.

Os crentes que, como Paulo, têm lançado a âncora dos navios de suas vidas no céu, jamais verão seus corações afundarem pelos temores e aflições, e sempre serão achados em gratidão e contentamento em seus espíritos. .

Esta rara arte Paulo não aprendeu aos pés de Gamaliel. Isto ele aprendeu diretamente de Deus.

CAPÍTULO V

Para ilustrar esta doutrina, eu proporei estas perguntas:

1. Um crente pode estar consciente da sua tribulação, e ainda assim estar contente?

Sim. Raquel fez bem em lamentar pelas suas crianças que foram mortas, mas a falta dela consistiu em se recusar em ser consolada, e assim, havia descontentamento. O próprio Cristo estava consciente do seu sofrimento quando suou grandes gotas de sangue, e disse, "Pai, se é possível, afaste este cálice de mim", mas ainda assim ele estava contente, e docemente se submeteu à vontade de Deus: "não obstante, não se faça a minha vontade, e sim, a tua."

O apóstolo nos exorta a nos humilharmos debaixo da poderosa mão de Deus (I Pe 5.6), o que não poderemos fazer, a menos que estejamos sensatos disto.

2. Um crente pode apresentar suas queixas diante de Deus, e ainda estar contente?

Sim. Temos este exemplo em Jeremias: "Tu pois, ó Senhor dos exércitos, que provas o justo, e vês os pensamentos e o coração, permite que eu veja a tua vingança sobre eles; porque te confiei a minha causa." (Jer 20.12).

Davi também derramou a sua reclamação diante de Deus: "Derramo perante ele a minha queixa; diante dele exponho a minha tribulação." (Sl 142.2).

Nós podemos chorar na presença de Deus, e desejar que Ele ponha um fim a todas as nossas dificuldades.

Qual é a criança que não reclamará ao seu pai? Quando qualquer fardo estiver no espírito, a oração faz a brecha e isto traz alívio ao coração.

O espírito de Ana estava sobrecarregado. "Eu sou", ela disse, "uma mulher de um espírito triste". Tendo orado agora, e lamentado, ela foi embora, e já não estava triste; e aqui está a diferença entre uma reclamação santa e uma reclamação descontente; no primeiro caso nós reclamamos a Deus, no outro nós reclamamos de Deus.

3. Quais são as coisas que podem acabar com o nosso contentamento?

Há três coisas que podem expulsar a satisfação e que de nenhum modo podem coexistir com ela.

1. A primeira delas é a ansiedade que é uma filha do descontentamento.

"Atende-me, e ouve-me; agitado estou, e ando perplexo," (Sl 55.2).

Murmurar nada mais é do que um motim no coração; é uma queixa contra a provisão de Deus. Quando o mar estiver agitado ele lançará adiante dele nada mais do que espuma, e quando o coração estiver descontente, também lançará a espuma da ira, da impaciência, e isto às vezes é apenas um pouco menor do que a blasfêmia.

A murmuração nada mais é do que a espuma fervente, que flui de um coração descontente.

2. Outra causa de extinção do contentamento é a falta de fé, especialmente quando alguém se encontra em dilemas e não se dispõe a orar, meditar etc, tal como um exército, quando é derrotado e colocado em desordem, assim os pensamentos destas pessoas correm

para cima e para baixo, e a consequência disto é que se tornam descontentes.

3. Uma postura infantil também exclui o contentamento, porque um espírito desesperado é um espírito descontente. A perturbação de mente leva ao descontrole e faz com que a pessoa comece a desfalecer e a afundar debaixo do peso da sua perturbação.

CAPÍTULO VI

Eu falarei agora sobre a natureza da satisfação. Ela é um doce temperamento de espírito, por meio do qual um crente é levado a se portar do mesmo modo em todas as situações. A natureza do contentamento aparece mais clara nestes três provérbios.

1. A satisfação é uma coisa divina; se torna nossa, não por aquisição, mas por infusão; é um ramo da árvore da vida, que é plantado pelo Espírito de Deus na alma; é um fruto que não cresce no jardim da filosofia, mas cujo nascimento procede de Deus; é então muito observável que a satisfação está unida com a piedade, e ambas entram em associação: "e, de fato, é grande fonte de lucro a piedade com o contentamento." (I Tim 6.6).

A satisfação é uma consequência da piedade, e vice-versa, conclui-se portanto que não se pode ter ambas sem se estar santificado.

Estou santificado hoje pelo Espírito? A resposta positiva a isto indicará o grau da nossa piedade e contentamento.

Por isso podemos dizer que a satisfação que os pagãos parecem ter é apenas uma pálida sombra desta verdadeira satisfação que procede do céu.

2. A satisfação é uma coisa intrínseca ao homem interior. A satisfação tem a sua fonte na alma. Ela não é o resultado dos confortos externos que alguém tenha, mas dos confortos que procedem do seu próprio interior.

Como a tristeza está assentada no espírito; "O coração conhece a sua própria amargura;" (Pv 14.10), assim a satisfação repousa dentro da alma, e não depende das condições exteriores.

Conseqüentemente, concluímos que as dificuldades externas não podem impedir esta abençoada satisfação: é uma coisa espiritual, e se eleva a partir de bases espirituais; e da apreensão do amor de Deus.

Quando houver uma tempestade, pode haver música no nosso interior; uma abelha pode picar a pele, mas não pode picar o coração; as aflições externas não podem picar o coração de um crente que descansa na satisfação.

Os ladrões podem nos saquear o nosso dinheiro, mas não esta pérola da satisfação, a menos que estejamos dispostos a nos separar dela, porque isto está preso na parte mais elevada do coração, onde ninguém senão somente o próprio Deus pode acessar.

3. Ainda quanto à sua natureza, podemos dizer que a satisfação é uma coisa habitual, como uma luz que brilha no firmamento da alma. O brilho da satisfação não aparece somente de vez em quando, como algumas estrelas, que são vistas senão raramente; é um estado de temperamento resolvido do coração. Não é casual mas constante.

CAPÍTULO VII

Tendo falado da natureza da satisfação, eu vou apresentar agora as razões do nosso dever de estarmos satisfeitos.

A primeira é o preceito de Deus. É determinado a nós como um dever:

"Seja a vossa vida isenta de ganância, contentando-vos com o que tendes; porque ele mesmo disse: Não te deixarei, nem te desampararei." (Hb 13.5).

A palavra de Deus é uma autoridade suficiente; e deve ser a estrela que guia, e o peso que move nossa obediência; a vontade dEle é uma lei, e a Sua majestade é suficiente para nos cativar em obediência; e assim nossos corações não devem estar mais inquietos que o mar furioso que é acalmado pela palavra de ordem dEle.

A segunda razão para a nossa obrigação quanto ao dever de estarmos satisfeitos é a promessa de Deus: porque Ele tem dito: "eu nunca te deixarei, nem te desampararei." (Hb 13.5).

Aqui, Deus tem se comprometido conosco quanto a prover nossas necessidades. Veja como Ele tem feito aqui a promessa ao crente, para a sua segurança.

Em tempos de dificuldades Deus disse a Jeremias em relação àqueles que nEle confiavam: "Deixa os teus órfãos, eu os guardarei em vida; e as tuas viúvas confiem em mim." (Jer 49.11). Isto é muito aplicável aos pais de família que temem empobrecer ou morrerem deixando de prover esposa e filhos. Deus promete que proverá os órfãos e as viúvas. E se Deus tem feito uma promessa a nós Ele jamais

deixará de cumpri-la. Que desculpa então teremos para não estarmos contentes, em face da possibilidade da pobreza e da morte?

Seriam os dias difíceis que vivemos uma boa desculpa para o nosso descontentamento?

Como poderia sê-lo se foi o próprio Deus que nos chamou a viver em nossa própria época conforme a Sua infinita sabedoria?

O Deus sábio tem ordenado a nossa condição neste mundo; se Ele quiser que as condições sejam favoráveis à nossa prosperidade, e para que abundemos nela, Ele o fará, e se ao contrário, quiser que as condições trabalhem para que tenhamos escassez, Ele de igual modo o fará, e devemos ser achados contentes em toda e qualquer condição, porque estamos simplesmente à disposição de Deus.

Deus vê, na Sua infinita sabedoria que a mesma condição não é conveniente para todos; que aquilo que é bom para um, pode ser ruim para outro; uma época de tempo não servirá às ocasiões de todos os homens, uma pessoa precisa de sol, outra de chuva; assim não é prevista prosperidade para todos, nem de igual modo a adversidade.

CAPÍTULO VIII

Agora eu vou mostrar como um crente pode ter uma vida confortável, até mesmo um céu na terra, através da satisfação cristã.

Jesus disse que o conforto da vida não consiste na quantidade de bens que a pessoa possui (Lc 12.15), mas em estar contente com o que tem, de acordo com a provisão de Deus para cada pessoa.

Como dissemos antes, a satisfação reside no coração do homem, e assim o modo de se estar confortável não consiste em ter os nossos celeiros cheios, mas nossas mentes aquietadas.

O descontentamento é um mau humor que seca os cérebros e desperdiça os espíritos, corrói e lança fora o conforto da vida.

O descontentamento não permite que um homem desfrute o que ele possui. Uma só gota de vinagre azedará a taça de vinho inteira. Deixe um homem buscar confortos mundanos, e uma só gota disso amargará e envenenará todo o seu contentamento.

O conforto depende da satisfação. O contentamento é necessário para manter a vida confortável, como o óleo é necessário para que o pavio queime continuamente.

Nós queremos ter conforto em nossa vida? Devemos então lembrar que é a mesma água que pode levar um navio à pique, que faz com que ele flutue. Assim, não é a aflição externa que pode tornar

triste a vida de um crente, porque uma mente contente velejaria sobre estas águas.

Todavia, quando há uma brecha no contentamento, a dificuldade entra no coração tal como a água que inunda o navio, e então o coração será afundado pela ansiedade tal como o navio pela água.

Faça então como os marinheiros: bombeie a água para fora e conserte o vazamento espiritual na alma, e nenhuma dificuldade poderá lhe ferir.

CAPÍTULO IX

“1 Ora, falaram Miriã e Arão contra Moisés, por causa da mulher cuchita que este tomara; porquanto tinha tomado uma mulher cuchita.

2 E disseram: Porventura falou o Senhor somente por Moisés? Não falou também por nós? E o Senhor o ouviu.”(Nm 12.1,2).

“9 Acaso é pouco para vós que o Deus de Israel vos tenha separado da congregação de Israel, para vos fazer chegar a si, a fim de fazerdes o serviço do tabernáculo do Senhor e estardes perante a congregação para ministrar-lhe,

10 e te fez chegar, e contigo todos os teus irmãos, os filhos de Levi? procurais também o sacerdócio?”(Nm 16.9,10).

Encontramos nestas duas passagens uma reprovação justa àqueles que estavam descontentes com a sua condição.

Esta doença é quase epidêmica. Alguns não estão contentes com a chamada que Deus determinou para eles, e estão buscando um grau mais elevado. Eles querem estar no templo da honra sem ter que passar antes pelo templo da virtude e da aflição.

Por isso Jesus disse para Tiago e João que para terem a elevada honra que eles aspiraram ter no céu, demandaria antes, beberem do mesmo cálice de aflições, que é comum a todos os crentes.

O descontentamento produzido pelo orgulho foi a causa do comportamento de Arão e Miriã contra Moisés, na primeira passagem destacada no início deste capítulo, e de Datã, Coré e Abirão, na segunda.

Os homens costumam reclamar que suas propriedades e posições poderiam ser melhores, mas raramente reclamam da propriedade e posição da condição em que se encontram seus próprios corações, quanto a que poderiam ser melhores.

Poucos aprendem a lição de Paulo. Ricos e pobres podem estar descontentes.

Se os homens ficam pobres, aprendem a ser invejosos; e difamam aqueles que estão acima deles.

A prosperidade dos outros é algo que incomoda muito o olho invejoso.

Quando o candelabro de Deus brilhar no tabernáculo dos seus vizinhos, esta luz lhe ofenderá.

Um olho invejoso é um olho mau.

Eles aprendem a reclamar como se Deus quase nunca tivesse tratado deles.

Os seus desejos são reveladores, porque querem este e aquele conforto, considerando que o maior desejo deles é ter um espírito contente.

Estes, no entanto, estão bem satisfeitos com os seus pecados, contudo não estão contentes com a sua condição.

E se os homens forem ricos, aprendem a ser cobiçosos; tendo uma sede insaciável pelos bens do mundo, e ficam em grande parte cauterizados quanto aos meios injustos que normalmente acompanham a aquisição deles. Assim, nem pobres, nem ricos sabem estar contentes.

CAPÍTULO X

Não há nenhum pecado que deixe de lutar para se esconder debaixo de alguma máscara; ou, se não pode ser escondido, então se vindicará por alguma desculpa.

Este pecado de descontentamento é muito engenhoso em suas desculpas, e por isso temos que colocá-lo debaixo desta regra: que o descontentamento é um pecado; de forma que toda apresentação de desculpas para se justificar é apenas a pintura e o vestido de uma meretriz.

Assim, a primeira e grande desculpa para o descontentamento pode ser a perda de filhos. E quanto a isto podemos dizer o seguinte:

1. Nós devemos estar contentes, não somente quando Deus dá misericórdias, mas quando Ele as retira. Se nós devemos "em tudo dar graças", (I Tes 5.18) então em nada devemos estar descontentes.

2. Deus sempre pretende que você tenha mais dEle, e não é ele melhor do que dez filhos? Não olhe tanto para uma perda temporal, mas a veja como um ganho espiritual.

3. É duro, e muito triste a perda de filhos, mas lembre-se que seus filhos não são sua propriedade mas lhe foram emprestados.

Não foi somente a Ana que o Senhor deu um filho emprestado, a saber, o profeta Samuel. Todos os filhos são empréstimos de Deus a quem pertence de fato todas as pessoas.

De igual modo, as misericórdias são empréstimos de Deus, e assim caso Deus leve um de nossos filhos para junto de si, para sempre, devemos reconhecer que Ele está usando do Seu direito de tomar de volta aquilo que nos emprestou.

Assim, em vez de permanecermos tristes por Ele ter levado de volta para a Sua casa a alguém que nos emprestou, devemos ser gratos por ter nos dado um empréstimo tão longo.

4. Por que um crente deveria então ficar descontente para sempre com a perda extrema que é a morte de um filho?

Porque deveria lamentar excessivamente?

"Filhas de Jerusalém não lamenteis por mim, mas lamentai por vós mesmas;" (Lc 23.28).

Se fosse possível, ouviríamos nossos filhos que partiram, nos falando do céu: não lamente por nós que estamos plenamente contentes; repousamos num travesseiro macio, que é o próprio seio de Cristo. O Príncipe da Paz está nos abraçando e está nos beijando com os beijos dos Seus lábios; assim, não fique triste e nem lamente por nós, mas por vocês mesmos, por estarem ainda num mundo triste pecador.

A segunda desculpa que o descontentamento faz, é: "eu tive uma grande parte de minhas posses estranhamente dissolvida, e meus recursos financeiros começam a faltar." Nisto devemos considerar que:

1. Deus tem tomado sua propriedade, mas não sua porção. Isto é um paradoxo sagrado, porque honra e propriedade não estão de nenhum modo unidos.

A perda de bens não pode tornar um crente miserável, porque Deus continua sendo a sua porção (Lam 3.24). E isto significa que qualquer perda terrena comparada com esta porção está numa proporção muito superior à de uma perda para mais de um trilhão de ganhos.

Qual é o tamanho de nossas tribulações comparado com o peso da eternidade de glória que nos está reservado? Além disso Deus tem prometido prover seus filhos de todo o necessário para a manutenção de suas vidas. E estas coisas que podem ser perdidas continuarão sendo acrescentadas (Mt 6.33).

2. Entretanto, devemos considerar que riquezas são espinhos (Mt 13.7). E em Sua bondade e misericórdia Deus permitirá que sejamos livrados de muitos destes espinhos para o próprio bem da nossa alma, porque muitas perdas nada mais são do que um ponto final que Deus coloca em nossa idolatria com a criatura, de maneira que possamos reconhecer que é nEle mesmo e na Sua vontade, que encontramos o nosso verdadeiro tesouro.

3. Se nossos recursos são pequenos, contudo Deus pode abençoar o pouco que temos.

"Abençoarei abundantemente o seu mantimento; fartarei de pão os seus necessitados."(Sl 132.15). Esta é a promessa que é feita por Deus aos crentes fiéis, que permanecem contentes a par de serem poucas as suas provisões.

4. Você prosperou tanto na sua vida espiritual, e seu coração nunca estivera dantes tão disposto para as coisas celestiais, desde que a sua condição neste mundo foi rebaixada, você nunca foi tão pobre de espírito e tão rico em fé como agora, desde que os pesos dos bens terrenos foram arrancados de seu coração por Deus. Fique então contente por ter perdido de uma maneira e ter ganho de outra infinitamente superior.

5. Em suas perdas lembre que apesar de haver em todas elas um sofrimento, mas em todo descontentamento há um pecado, e um pecado é pior que mil sofrimentos.

A terceira desculpa é, estar triste na área de relacionamentos, especialmente onde deveria achar o maior conforto, que é no próprio lar, com o cônjuge e filhos.

1º - Meu filho se encontra em rebelião; eu temo gerar uma criança para o diabo. Realmente é triste pensar, que o inferno deva ser pavimentado com os crânios de quaisquer de nossos filhos; e certamente não há uma aflição maior para uma mãe do que este pensamento, mas ainda aqui, embora você se sinta impotente e humilhada, não deve no entanto estar descontente, porque:

1 - Estes conflitos podem servir para um momento de reflexão de nossas mentes até que ponto temos aplicado os princípios de Deus em nossos lares. Quanto tempo temos gasto com o Senhor em família em nosso cultos domésticos? Quanto Lhe temos honrado neste dever que Ele nos impôs?

Desde que fomos enxertados na oliveira santa, quanto da oliveira brava tem permanecido em nós? A quantos movimentos do Espírito resistimos diariamente?

Assim lamentemos não apenas pela rebelião de nossos filhos, mas pelas nossas próprias rebeliões e deixemos uma passagem aberta para o arrependimento.

Temos dado a nossos filhos, além do leite material, o genuíno leite da Palavra? Temos temperado os anos tenros de nossos filhos com educação religiosa verdadeira?

Os pais devem apenas guiar seus filhos ao conhecimento do caminho para o céu, e o Espírito de Deus será o imã que puxará os corações deles para o alto.

Mas ainda que nossos filhos venham a se afastar dos caminhos do Senhor e comecem a trilhar as sendas do diabo, poderoso é o Senhor para cumprir a Sua promessa de fazer converter o coração dos filhos a seus pais (Mal 4.6).

2. A segunda desculpa para falta de contentamento espiritual em Deus e em fazer Sua vontade se encontra num cônjuge que não ama ao Senhor, ou que seja um crente carnal que nos dará muitas picadas na alma para nos entristecer.

Realmente é triste ter que viver com um morto amarrado a nós, contudo ainda que lamentemos pelos pecados dele, não devemos deixar nos dominar pela lamúria de coração com descontentamento. Lamentemos os pecados dele mas não murmuremos. Por que em toda cruz que tenhamos que carregar devemos colocar a sabedoria infinita de Deus no banco dos réus?

Por outro lado, a maldade de nosso cônjuge pode ser usada por Deus em nosso benefício, para que sejamos pessoas melhores. Deus pode usar os pecados de outros para nos aperfeiçoar em nossa santidade, principalmente no fruto do Espírito da longanimidade, bondade, paciência e domínio próprio.

Talvez você não oraria tanto como tem orado caso seu cônjuge não tivesse pecado tanto.

A próxima desculpa para o descontentamento na área de relacionamento geralmente se refere aos amigos, que se mostram infiéis aos laços de amizade.

E de fato é algo triste, quando um amigo prova ser como um riacho no verão (Jó 6.15). O viajante que está abrasado pelo calor, vem para o riacho, esperando se refrescar, mas o riacho está seco, contudo esteja contente.

1. Você não somente tem outros dos santos por amigos; quando tiver que experimentar a mesma experiência que teve Davi:

“12 Pois não é um inimigo que me afronta, então eu poderia suportá-lo; nem é um adversário que se exalta contra mim, porque dele poderia esconder-me;

13 mas és tu, homem meu igual, meu companheiro e meu amigo íntimo.

14 Conservávamos juntos tranqüilamente, e em companhia andávamos na casa de Deus.”(Sl 55.12-14).

Cristo foi traído por um amigo.

2. Algumas perdas de determinados “amigos” são na verdade ganhos quando nos é revelado o verdadeiro caráter deles, porque não nos convém ter como amigos íntimos aqueles que não andam nos caminhos de Deus, e esta amizade poderia ter nos custado a nossa própria amizade com Deus.

3. Seu amigo provou ser traçoeiro? Talvez você tenha depositado muita confiança nele. Se você põe mais peso em uma casa que os pilares possam agüentar, ela certamente ruirá.

É em Deus em quem devemos colocar a nossa confiança.

“Não creiais no amigo, nem confieis no companheiro; guarda as portas da tua boca daquela que repousa no teu seio.”(Miq 7.5).

4. Você tem um amigo no céu que jamais lhe trairá. Ele é o amigo mais chegado do que um irmão (Pv 18.24). Tal amigo é Deus.

Um amigo pode errar às vezes por ignorância ou por ter se equivocado, e dar o veneno de amigo dele em vez de açúcar; mas Deus tudo sabe e nunca se equivoca. Ele é um amigo fiel às Suas promessas, e Deus não pode mentir.

A próxima desculpa para um eventual descontentamento se refere ao fato de a igreja estar cheia de heresias e impiedade.

Isto realmente é triste; quando o diabo não pode através da violência, destruir a igreja, ele se esforça para envenená-la com o erro e com pecado.

isto pode nos fazer lamentar, mas não murmuremos por descontentamento, porque, considere:

O erro faz uma descoberta dos homens. O erro revela os homens ruins; como estragados e corruptos em suas vontades. Ele remove a máscara de um Saul que tenta se mostrar devoto ao povo que ele dirige, dando portanto a este povo a oportunidade de se prevenir e se acautelar dos seus erros.

Quando a lepra aparece na testa, então o leproso é descoberto.

O erro é um bastardo espiritual; o diabo é o pai dele, e o orgulho a mãe. Você nunca conheceu um homem errôneo que não fosse também orgulhoso. Agora, é bom que tais homens sejam colocados à exposição.

As heresias ajudam a revelar os que são aprovados (I Cor 11.19).

O nosso contentamento neste caso reside principalmente no fato de que Deus fará uma grande distinção no porvir, daqueles que permaneceram fiéis a Ele e à verdade, em meio à perseguição do erro.

E o combate ao erro ajuda a trazer à luz o conteúdo da verdade. E isto é visto em vários períodos da história da Igreja.

O erro nos faz mais gratos a Deus pela jóia da verdade. Quando vemos tantos com a infecção produzida neles pelas heresias, enquanto permanecemos saudáveis, por causa da verdade.

CAPÍTULO XI

Os Motivos Divinos para a Satisfação

1. A satisfação é uma flor que não cresce em qualquer jardim.

O contentamento é um remédio contra todas as nossas dificuldades, um alívio para todos os nossos fardos, é a cura de todos os cuidados. O contentamento não é no entanto uma graça (é apenas uma disposição de mente) contudo há nele uma atmosfera e uma mistura de todas as graças. É uma combinação preciosa que é composta de fé, paciência, mansidão, humildade, etc, que são os ingredientes que são encontrados nele. Agora, há estas sete formas de excelências raras na satisfação:

1º - Um crente contente carrega o céu sobre ele. As primícias do céu estão no contentamento. Há duas coisas num espírito contente que lhe faz ser como o céu.

(1) Deus está lá; algo de Deus será visto naquele coração. Um crente descontente é como um mar tempestuoso; quando a água fica turva e você não pode ver nada lá; mas quando for calmo e sereno, então você pode ver sua face na água.

(2) O descanso está lá. Um crente contente é igual a Noé na arca; embora a arca fosse lançada com ondas, Noé poderia sentar-se e cantar nela. A alma que entrou na arca da satisfação, senta-se quieta, e veleja acima de todas as ondas de dificuldade; e pode cantar nesta arca espiritual.

2º - Tudo que está faltando à criatura faz as pazes na satisfação. É isto que faz um crente ficar contente na ausência de confortos externos.

O crente pode ser pobre no bolso, mas ser rico em promessa.

Há uma doce promessa que traz uma doce satisfação à alma:

“Os leõezinhos necessitam e sofrem fome, mas àqueles que buscam ao Senhor, bem algum lhes faltará.”(Sl 34.10).

Esta promessa é para aqueles que se agradam do Senhor e da Sua vontade, pois esta é a única forma lícita de buscá-IO que é reconhecida por Ele, a saber a alma que se deleita nEle e se dispõe a obedecê-IO, pelo desejo de honrá-IO.

3º - A satisfação torna o crente habilitado para servir a Deus; e lubrifica as rodas da alma e a torna mais ágil e fervorosa; ela move o coração, e o torna ajustado à oração, meditação, etc.

Como pode aquele que se encontra abalado pela aflição ou descontente, aplicar-se à vontade de Deus sem distração?

Como pode uma pessoa descontente com a sua condição alegrar-se no Senhor e ser-lhe grata sempre e por tudo?

4º - A satisfação é o arco espiritual, ou coluna da alma; que capacita o crente a agüentar fardos.

5º - A satisfação previne muitos pecados e tentações.

Especialmente o pecado da impaciência. E a Impaciência não é nenhum pequeno pecado. A Impaciência é filha da infidelidade. Por isso a fidelidade é própria ao amor, porque o amor é paciente. E por amor a Deus, e tomados pelo Seu amor, somos pacientes. E é a paciência do amor que nos faz suportar qualquer golpe que venhamos a sofrer.

A impaciência conduz à murmuração, e esta é a música do diabo; ela é aquele pecado que Deus não pode agüentar: "Até quando sofrerei esta má congregação, que murmura contra mim? tenho ouvido as murmurações dos filhos de Israel, que eles fazem contra mim." (Nm 14.27). Este pecado da murmuração desperta a ira de Deus e traz os Seus juízos sobre nós (I Cor 10.10). Então quão importante é o contentamento, porque previne este pecado.

Satanás tira proveito do descontentamento. Ele gosta de pescar nestas águas preocupadas. O descontentamento debilita a fé e faz uma brecha na alma, e é geralmente por esta brecha que o diabo entra com suas tentações.

Como no pecado original o diabo sugerirá que nos apropriemos de qualquer maneira das coisas cuja falta está nos deixando descontentes, disfarçando estar solidário ao nosso sofrimento, independentemente se isto que faremos contrariará ou não a vontade de Deus.

6º - A satisfação adocica todas as condições difíceis.

Cristo transformou a água em vinho; assim a satisfação transforma as águas amargas de Mara em vinho espiritual.

7º - A satisfação é o melhor avaliador dos atos da Providência; porque faz uma justa interpretação de todos os procedimentos de Deus.

2. O segundo argumento para a satisfação é que Deus mesmo nos tem ordenado isto. E o que Deus nos tem determinado é o próprio Cristo. Nele há riquezas insondáveis (Ef 3.8). E estar efetivamente absorvido nas graças do Espírito não é bastante para dar satisfação?

A graça é a flor do paraíso divino, é o ornamento do Espírito, é a semente de Deus, é a unção sagrada e é a arte do retratista na alma, e é o próprio fundamento no qual a superestrutura da glória é posta. De que valor infinito é a graça!

As riquezas terrenas, disse Agostinho, estão cheias de pobreza, porque não podem realmente enriquecer a alma. E as riquezas deste mundo não perdurarão para sempre. Se o crente é rico para com Deus (Lc 12.21) por que então você está descontente?

3 - O terceiro argumento para a satisfação é em prol das nossas orações, porque de outro modo como elas seriam ouvidas por Deus?

4 - O quarto argumento para a satisfação é que por ela Deus submete a Satanás e os seus argumentos que os homens não podem

amar a Deus contentando-se com as porções de provações que Ele lhes tem destinado, tal como o diabo fizera em relação a Jó, afirmando que ele servia e amava a Deus por puro interesse, e que lhe blasfemaria na face caso retirasse dele todos os bens que lhe havia dado.

Assim, pelo nosso contentamento em todas as circunstâncias, honramos a Deus e envergonhamos o diabo.

5 - O quinto argumento para a satisfação em todas as circunstâncias, é que ela nos dispõe à humildade. E pelas aflições aprendemos a humildade. Jesus é o lírio dos vales que mora no coração humilde. Deus nos leva ao vale das lágrimas para que possamos chegar ao vale da humildade.

E as aflições nos ensinam a orar melhor. O arrependimento é o fruto precioso que cresce na cruz. E por isso a aflição é a pedra de toque da sinceridade. E se as aflições nos fazem nos aproximar mais de Deus, por que eu deveria estar descontente quando eu tenho mais da companhia de Deus?

Se você está descontente porque você não tem tudo que você gostaria de ter, deixe-me lhe falar: ou sua fé é uma nulidade, ou melhor, apenas um embrião; e é uma fé fraca que tem que ter muletas para se apoiar para poder andar.

A humildade e mansidão representadas na forma de pomba que o Espírito Santo assumiu no batismo de Cristo nos ensinam que o descontentamento conduz à ingratidão, e o descontente não tem um espírito manso e submisso, nem mesmo relativamente a Deus. E torna os homens mais semelhantes ao diabo do que a Deus, porque o diabo está inchado com o veneno do orgulho, da inveja e da malícia, e nunca está contente.

E o descontentamento não nos alivia de nosso fardo, mas torna a cruz mais pesada. Um espírito contente prossegue feliz debaixo de sua aflição, mas o descontentamento torna nossa aflição insuportável e irracional.

O descontentamento nos aborrece mais do que a própria dificuldade.

Não é procurando satisfazer todos os desejos de uma pessoa que Deus tirará o descontentamento dela porque é da natureza humana desejar sempre mais e mais. Então Deus lhe traz aflições para desmamá-la do mundo, e remover os seus desejos supérfluos que a conduzem ao descontentamento.

Com isto, vemos claramente quão anti-bíblica é a doutrina que afirma que a fé genuína é aquela que leva Deus a satisfazer todos os nossos sonhos e desejos. Assim o modo de tornar um homem contente

não é aumentando as suas posses e bens, mas rebaixando o seu coração.

6 – Um sexto argumento para a satisfação é a brevidade da vida (Tg 4.14).

A consideração da brevidade da vida pode produzir a satisfação no coração. Por que deveríamos investir tanto em tesouros terrenos quando sabemos que não poderemos desfrutar por muito tempo deles, e que de modo algum poderemos levá-los conosco para o céu?

7 – Um sétimo argumento para a satisfação mesmo em condições de escassez é que há também nas condições de prosperidade abundante muitos cuidados e tentações como passarei a descrever:

a) Numa condição próspera há mais dificuldades para ter contentamento na alma e priorizar as coisas espirituais, celestiais e eternas.

Pensamentos tristes costumam acompanhar freqüentemente uma condição próspera.

O cuidado e os espíritos malignos assombrarão o homem rico, e não lhe deixarão estar sossegado.

Quando o seu cofre estiver cheio de ouro, o seu coração estará cheio de cuidados, tanto para administrar sua riqueza, quanto para aumentá-la.

b) Numa condição próspera há mais perigos, primeiro em relação ao ego da pessoa, pois a mesa do rico é uma armadilha para ele, e pode fazer com que seja tentado a glotonarias e bebedices.

Assim, se exige muito domínio próprio e sabedoria daquele que é rico para que não viva imoderadamente.

Mas o maior perigo consiste na tentação de se ter sede de honra, temor de ter a dignidade ferida, o desejo extremo de segurança que leva ao cuidado exagerado consigo mesmo, a inclinação mais acentuada para o orgulho e para a rebelião contra a vontade de Deus.

“E Jesurum, engordando, recalcitrou (tu engordaste, tu te engrossaste e te cevaste); então abandonou a Deus, que o fez, e desprezou a Rocha da sua salvação.”(Dt 32.15).

Esta palavra de Deuteronômio foi dirigida por Deus ao seu próprio povo de Israel, que Lhe abandonou quando entrou em grande prosperidade. Assim, é possível ser um crente e continuar envolvido com o serviço de Deus e ao mesmo tempo abandoná-IO, por não andar mais conforme os Seus mandamentos e humildemente na Sua

presença, por causa da elevação do coração que se corrompeu com a prosperidade.

Quantos têm sido quebrados pelo travesseiro macio da facilidade!

A prosperidade é uma trombeta que soa tocando o toque de retirada e faz com que o exército de crentes bata em retirada deixando para trás a perseguição que vinham fazendo à verdadeira religião, com o intuito de agradarem e honrarem a Deus, vivendo para fazer a Sua vontade. Por isso o desejo de ser rico é uma armadilha.

“9 Mas os que querem tornar-se ricos caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, as quais submergem os homens na ruína e na perdição.

10 Porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores.”(I Tim 6.9,10).

c) Numa condição próspera há um aumento da responsabilidade diante de Deus pelo uso dos dons que logramos alcançar neste mundo, pois o homem próspero prestará uma conta maior a Deus no dia do Juízo pelos muitos talentos que recebeu. Por isso se ordena aos ricos que também abundem em boas obras, e que empreguem suas riquezas para a glória de Deus.

“17 manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a sua esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que nos concede abundantemente todas as coisas para delas gozarmos;

18 que pratiquem o bem, que se enriqueçam de boas obras, que sejam liberais e generosos,

19 entesourando para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a verdadeira vida.” (I Tim 6.17-19).

Deste modo, os que sonham com prosperidade devem ter em conta todas estas verdades, e estarem conscientes, que quanto maior for nossa propriedade, maior é o nosso custo; que quanto maiores as nossas rendas, maiores serão as nossas contas, e o principal de tudo, sabermos que mais se pedirá no dia do Juízo a quem muito foi dado.

Estejamos então dispostos a termos menos do mundo, para podermos ter mais de Cristo.

É algo para se lamentar vemos pagãos dando suas vidas por uma causa terrena na qual eles acreditam piamente, ao mesmo tempo que vemos crentes pasmados e intimidados pelas dificuldades, fingindo viver por fé, enquanto exibem abertamente o seu descontentamento.

8 – Um oitavo argumento para a satisfação no meio das dificuldades é que estas serão todo o inferno que um crente terá que

experimentar, pois em sua união com Cristo foi livrado definitivamente da condenação eterna no inferno de fogo. E isto não é algo para ser celebrado contínua e diariamente? Não é motivo suficiente para o nosso contentamento em Deus?

CAPÍTULO XII

Certamente esta doutrina de estar contente em toda e qualquer situação é uma doutrina que se aplica exclusivamente aos crentes, porque os incrédulos não devem estar contentes com o que eles têm enquanto não encontrarem a salvação em Cristo Jesus, pois como poderia alguém ter motivos para um verdadeiro e permanente contentamento em Deus sabendo que permanece debaixo da Sua ira, e que depois da morte será sujeitado a uma terrível condenação no inferno por toda a eternidade?

E os próprios crentes devem considerar que apesar do dever de estarem contentes em todo o tempo, conforme é da vontade de Deus, não é apropriado que se contentem tendo pouca graça divina em si mesmos. A graça é a maior e a melhor bênção. Embora devamos estar contentes em relação às nossas condições externas e particularmente em relação às nossas propriedades, não devemos no entanto estar em relação à graça, que devemos sempre buscar mais e mais. Quanto mais graça tivermos, mais humildes seremos. Maior será o nosso amor a Deus e ao próximo, e a graça não traz em si qualquer tentação que possa nos prejudicar. E nunca pensemos que já temos graça suficiente, e por isso é bom fixarmos que como o próprio Deus ela é infinita, e diferentemente dos bens terrenos, que passam e passarão, ela prosseguirá conosco por toda a eternidade.

E nisto devemos seguir o exemplo de Paulo:

“13 Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão adiante,

14 prossigo para o alvo pelo prêmio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus.” (Fp 3.13,14).

Um crente verdadeiro é uma maravilha; ele é o mais contente, e ainda o menos satisfeito; ele está contente com um bocado de pão, mas nunca satisfeito quanto à graça, porque ele a deseja sempre em maior medida.

Um crente verdadeiro cresce em força quando se submete ao trabalho da graça. Ele cresce tal como a árvore, que mais e mais esparrama sua raiz na terra.

O crente é uma planta divina, que quanto mais cresce, mais se incorpora em Cristo, bebendo da seiva espiritual dEle.

Um crente contente com as suas condições terrenas, mas que é sedento da justiça do reino de Deus e da Sua graça, é um anão quanto à humildade, mas um gigante em força e doçura, e será forte na realização dos seus deveres, suportará fardos e resistirá às tentações.

Realmente, às vezes a graça pode estar dormindo na alma, assim como a seiva na videira, não mostrando seu vigor, em frutificação, o que pode ser ocasionado por indolência espiritual ou por causa de algum pecado, mas isto é somente por algum tempo: a primavera da graça virá e as flores aparecerão e logo depois surgirão os frutos espirituais esperados e desejados por Deus. Por isso todo verdadeiro crente aspirará pela primavera divina, em seus invernos espirituais.

Um crente verdadeiro cultiva a graça em todos os seus variados tipos e graus, como vemos no dizer do apóstolo Pedro:

“5 E por isso mesmo vós, empregando toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência,

6 e à ciência o domínio próprio, e ao domínio próprio a perseverança, e à perseverança a piedade,

7 e à piedade a fraternidade, e à fraternidade o amor.

8 Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, elas não vos deixarão ociosos nem infrutíferos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.” (II Pe 1.5-8).

O crente é comparado à videira porque ela é um emblema de fertilidade, que se carrega de frutos mesmo depois de ter vivido por séculos. O crente é chamado por Deus a dar frutos ainda na sua velhice:

“12 Os justos florescerão como a palmeira, crescerão como o cedro no Líbano.

13 Estão plantados na casa do Senhor, florescerão nos átrios do nosso Deus.

14 Na velhice ainda darão frutos, serão viçosos e florescentes,”(Sl 92.12-14).

CAPÍTULO XIII

Vejamos agora as principais características de quem tem crescido no aprendizado da arte do contentamento.

Um espírito contente é um espírito silencioso; ele não tem nenhuma palavra para dizer contra Deus.

“Emudecido estou, não abro a minha boca; pois tu és que agiste,” (SI 39.9).

Há um silêncio pecaminoso quando Deus é desonrado, e a Sua verdade ferida, e os homens preservam a paz deles. Este silêncio é um grande pecado, mas há um silêncio santo, quando a alma se assenta quieta e sossegada quanto à sua condição perante Deus.

Um espírito contente é um espírito alegre. A satisfação é algo mais do que paciência porque a paciência denota somente submissão, mas a satisfação denota alegria. Um crente contente é muito mais que passivo, ele não somente suporta a cruz, mas carrega a cruz. Ele vê Deus como o Deus Sábio e Soberano que é de fato, e assim tudo o que Ele faz é bom.

Por isso Paulo dizia sentir prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo (II Cor 12.10), pois não somente se submetia aos procedimentos de Deus, como se alegrava neles.

Um espírito contente é um espírito grato, e um coração grato vê misericórdia em todas as condições. Uns são abençoados pela prosperidade e outros pelas aflições. Deus sabe fazer o uso correto destas medidas para o bem dos Seus filhos.

Um crente contente, enquanto debaixo da autoridade da Palavra, deseja estar completamente à disposição de Deus, e fica desejoso de viver naquela condição que Deus o colocou.

Um crente contente, quando busca resolver os seus problemas não perderá a sua paz e não permitirá que a solução seja dada mediante o uso de qualquer prática pecaminosa, pois tem a firme convicção de que a Providência divina vai adiante dele e dos seus problemas.

Um crente contente não se moverá até que veja que Deus abriu a porta. Ele esperará pacientemente no Senhor pela solução que lhe será enviada do alto e se moverá em todo empenho e esforço somente depois de ter recebido este sinal da parte de Deus.

CAPÍTULO XIV

Vejamos agora as diretrizes ou regras, pelas quais um crente pode atingir esta arte divina do contentamento santo.

Regra 1 – Todas as nossas inquietações estão associadas à incredulidade, isto é, à falta de fé que Deus esteja de fato conosco no meio de nossas aflições, procurando trabalhar em nós através delas. E

é isto que levanta a tempestade de descontentamento no coração. Assim, a primeira regra para o contentamento é pedir ao Senhor que aumente e aperfeiçoe a nossa fé nEle.

A fé opera no coração uma doce compostura serena. A fé repreende a paixão, e quando a razão começar a afundar, deixe a fé nadar.

Como a fé opera a satisfação?

1. A fé mostra à alma que quaisquer das suas provações ainda são providas da mão de um pai; realmente é um cálice amargo, mas eu não "beberei o cálice que meu Pai tem-me dado a beber?".

Deus me corrige com o mesmo amor que ele me coroa; Deus está me treinando agora para o céu. Estes sofrimentos produzem paciência, humildade, até mesmo os frutos pacíficos de justiça (Hb 12.11).

2. A fé é quem prova o mel da satisfação que é retirado da colméia da promessa. A fé eleva a alma, e lhe faz aspirar as delícias do mundo de justiça ainda por vir.

Regra 2 – Em qualquer situação em que estivermos vivendo, seja agradável ou não, saibamos e digamos que o Senhor é o nosso Deus e não somente nada nos faltará como podemos estar certos de que Ele sempre cuidará de nós, porque é completamente digno de toda a nossa confiança.

Em qualquer condição em que estivermos, nunca devemos ter medo de dizer que o Senhor é o nosso Deus, pois se tivermos medo em afirmá-lo e não estarmos contentes, isto será uma vergonha.

Regra 3 - Adquira um espírito humilde. O homem humilde é o homem contente; se as suas posses são baixas, o seu coração é mais baixo que as suas posses, então esteja contente.

Se a estima dele no mundo é baixa, ele se faz nada aos seus próprios olhos e não ficará aborrecido por ter uma baixa estima aos olhos de outros.

Ele tem uma opinião pior dele, do que outros possam ter, porque o homem verdadeiramente humilde estuda a sua própria indignidade; e não se considera digno das misericórdias de Deus, e pode dizer com Paulo, que é o principal dos pecadores. Ele sabe que foi pela exclusiva misericórdia de Deus que foi adotado como Seu filho e livrado do inferno, e por esse motivo, está sempre contente.

Ele não diz que os seus confortos são pequenos, mas que os seus pecados são grandes.

Regra 4 - Mantenha uma consciência pura. A satisfação é o maná que é posto no interior da arca de uma boa consciência.

A nossa alegria é o testemunho de uma boa consciência:

“Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que em santidade e sinceridade de Deus, não em sabedoria carnal, mas na graça de Deus, temos vivido no mundo, e mormente em relação a vós.” (II Cor 1.12).

Mantenha a consciência limpa e você nunca terá falta de satisfação, porque uma consciência boa deixa toda culpa do lado de fora.

Regra 5 - Aprenda a negar a si mesmo. Olhe bem seus afetos irregulares e orgulho e faça duas coisas: mortifique seus desejos e modere seus apetites.

Não fixe seu coração em nenhuma criatura. Não ligue sua alma a nenhum ser da criação visível, pois todos são passageiros. Faça como Paulo: “não atentando nós nas coisas que se vêem, mas sim nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, enquanto as que se não vêem são eternas.” (II Cor 4.18).

Regra 6 - Encha do céu o seu coração. Coisas espirituais satisfazem; e quanto mais houver do céu em nós, menos o mundo terá de nós. Para aquele que tem provado o amor de Deus sendo derramado em seu coração pelo Espírito, por estar vivendo de modo que Lhe seja agradável, nunca mais terá sede das coisas deste mundo, porque tem a jorrar dentro de si uma fonte para a vida eterna.

Regra 7 - Não olhe tanto o lado escuro de sua condição, senão debaixo da luz. Lembre-se que há um lado imenso e claro para ser visto além do lado escuro que está diante de você. Concentre-se nas coisas que são do alto e não nas que são daqui da terra.

“1 Se, pois, fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus.

2 Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra;

3 porque morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.”(Col 3.1-3).

Regra 8 - Considere a posição em que nós fomos colocados por Deus como crentes aqui neste mundo: estamos numa condição militar;

somos soldados (2 Tim 2.3) e um soldado está contente com qualquer coisa, ainda que tenha que estar afastado da sua casa confortável, da sua rica mobília, da sua cama macia, e de todos os bens que teve que deixar para trás para poder servir aos interesses do seu país. Muito mais fundas razões tem o crente para tudo deixar, não estando apegado a nada deste mundo, para poder servir aos interesses da sua pátria celestial e do general dela que é Cristo.

Entretanto a causa da batalha em que o crente está empenhado é perfeitamente justa, e ele luta por uma coroa, e como não estaria contente com isto?

Regra 9 - Não deixe sua esperança depender destas coisas externas. Não funde sua casa em alicerces arenosos; não devemos construir o nosso conforto num amigo ou propriedade, porque quando este suporte for afastado, toda a nossa alegria terá ido embora.

A base da satisfação deve estar dentro de nós mesmos e nunca em nenhuma coisa exterior ou pessoas. Isto é uma transação exclusiva entre a nossa alma e o Senhor. E até mesmo na comunhão que temos com os nossos irmãos em Cristo, é nEle que devemos nos gloriar e alegrar, por Ele estar promovendo isto para o nosso bem. Porque se os bens ou amigos vierem a faltar ou falhar, continuaremos tendo sempre no Senhor um amigo fiel.

Qualquer aliança neste mundo pode ser rompida, mas a que Deus fez conosco por meio de Jesus Cristo jamais será desfeita. E é nisto que deve residir o motivo do nosso contentamento.

Regra 10 - Quando estiver na aflição compare as bênçãos e vitórias com as perdas e tribulações que tem experimentado neste mundo, e você verá que são muito maiores as bênçãos e que as tribulações são leves e momentâneas se forem comparadas ao peso eterno da glória da qual fomos chamados a participar em Jesus Cristo. Isto nos ajudará a sermos pacientes na nossa presente tribulação, por sabermos que o mesmo Deus que nos ajudou e nos livrou dantes, também o fará agora.

Regra 11 - Não traga sua condição à sua mente, mas traga sua mente à sua condição. Isto significa que você não deve ficar absorvido pelo problema com o peso dele no seu coração, mas deixe ele estar no lugar em que se encontra e mantenha a paz da sua mente em Cristo Jesus, enquanto espera nEle a solução direta do problema ou a direção que deve seguir para resolvê-lo.

Regra 12 - Estude e reflita sobre a vaidade da criatura. Não importa se nós temos menos ou mais destas coisas, elas têm a vaidade escrita na fachada delas; e a aparência do mundo passa. Portanto, não devemos estar descontentes por causa daquilo que é passageiro e que de modo nenhum poderemos levar conosco quando formos convocados por Deus à eternidade.

Regra 13 - Não faça favorecimentos à carne (natureza terrena). Nós prestamos um juramento no batismo de crucificar a carne. A carne é uma inimiga pior que o diabo, é um traidor; um inimigo que vive dentro do nosso próprio seio.

Se não houvesse nenhum diabo para nos tentar, a carne seria uma outra Eva para nos tentar a comer o fruto proibido. A carne deve ser mortificada para que possamos experimentar o verdadeiro contentamento.

Regra 14 - Medite muito na glória ainda por ser revelada. Lembremos que somos peregrinos e forasteiros neste mundo, e brevemente estaremos com Cristo no céu, onde já não haverá mais tristeza nem dor. Isto deve servir para o nosso contentamento quando estivermos passando por provações, sabendo que ainda que elas continuem nos fazendo sofrer neste mundo, há um tempo determinado para sermos definitivamente livrados delas.

Regra 15 - Seja perseverante na oração. Ore para que Deus não lhe deixe cair em tentação. Que lhe livre do mal. E quando a tribulação chegar intensifique suas orações, sabendo que um dos maiores propósitos das aflições é o de nos ensinar a orar e a depender de Deus.

É através da oração que devemos fazer o que nos é ordenado pelo apóstolo Pedro: "lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós." (I Pe 5.7). E disto também falou o apóstolo Tiago: "Está aflito alguém entre vós? Ore." (Tg 5.13).

Certamente, ambos tinham em vista com isto que não perdêssemos nossa paz de mente em meio às nossas aflições, de modo a podermos continuar contentes no Senhor em toda e qualquer situação, através do consolo eficaz que dEle recebemos através das nossas orações.

CAPÍTULO XV

Gostaríamos de deixar registrada uma palavra final de encorajamento para o crente contente.

Se há um céu na terra, você é este céu.

Lembre sempre que quando a graça estiver lhe coroando não é tanto para você ficar contente, mas para confirmar a sua aprovação nas tentações, nas agonias, nas cruzes que tem que carregar. E é esta aprovação divina a causa do seu contentamento.

Deus irá recompensar o crente contente, que como Paulo, aprendeu a viver contente em toda e qualquer circunstância, nunca deixando de fazer a vontade do Seu Senhor, e dando-Lhe a prova de um testemunho vivo de estar satisfeito com a porção que tem recebido de Deus neste mundo.

Um crente contente é um crente fiel, e ao crente fiel Deus tem feito a promessa de conduzi-lo a um grau cada vez maior de santidade, e de honra, e de bênçãos, enquanto prossegue para o alvo da perfeição cristã no seu combate contra os poderes das trevas, contra a carne e contra o mundo.

O prazer que um crente sente no Senhor, em ser-Lhe fiel a toda a Sua vontade, jamais deixará de ser recompensado por Ele, e o Senhor fará isto, principalmente, colocando contentamento no seu coração em todas as circunstâncias.